

www.tarjaeditorial.com.br

PARADIGMAS 4

São Paulo

Brasil

1ª Edição

2010

*M.D. Amado
Carlos Abreu
Sandro Códax
Roberta Nunes
Rober Pinheiro
Fábio Fernandes
Georgette Silen
Richard Diegues
Adriana Rodrigues
Ana Lúcia Meregé
Ronaldo Luiz Souza
Marcelo Jacinto Ribeiro
Leonardo Pezzella Vieira*

TARJA
EDITORIAL

www.tarjalivros.com.br

Copyright © 2010 Tarja Editorial

EDITOR: Richard Diegues

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora ou do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

REVISÃO: Camila Fernandes

PROJETO GRÁFICO: Mila F
Richard Diegues

CAPA: Mila F

1ª edição em janeiro de 2010 - *Impresso no Brasil*

DIAGRAMAÇÃO: Richard Diegues

A revisão dessa obra seguiu as normas da nova reforma ortográfica. Não, nós também não gostamos, mas não tivemos outra opção.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NÃO PUBLICAÇÃO (CIF)

Paradigmas/ Richard Diegues, Adriana Rodrigues, Fábio Fernandes,... [et al.].

-- São Paulo :

Tarja Editorial, 2010. -- (Paradigmas ; 4)

ISBN 978-85-61541-12-5

1. Contos brasileiros: Literatura brasileira: Coletâneas - I. Diegues, Richard. II. Rodrigues, Adriana. III. Fernandes, Fábio. IV. Merege, Ana Lúcia. V. Pinheiro, Rober. VI. Códax, Sandro. VII. Abreu, Carlos. VIII. Vieira, Leonardo Pezzella. IX. Nunes, Roberta. X. Amado, M.D. XI. Ribeiro, Marcelo Jacinto. XII. Silen, Georgette. XIII. Souza, Ronaldo. XVI. Série.

CDD-869.9308

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
869.9308

TARJA
editorial

LITERATURA FANTÁSTICA MUITO ALÉM DOS GÊNEROS

[2010]

TARJA EDITORIAL LTDA.

Rua Piatá, 633

Santana - São Paulo

CEP 02080-010 / SP

editora@tarjaeditorial.com.br

www.tarjalivros.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente coletivo de seus autores, devendo ser encarados como não intencionais. Caso sinta-se ofendido com algo nestas páginas, basta fechar a obra. Ainda, se resolver insistir, compreenda que o mundo não gira ao seu redor e coincidências realmente ocorrem. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem aos seus autores, mas o editor concordou em publicá-las, portanto, partilhar delas. Reclamar com ele não adiantará. Os animais que eventualmente foram feridos, molestados e traumatizados durante a produção desta obra não pertencem a espécies diferentes do *Homo sapiens*. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca infarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!

...Introdução

Não...

Durante o tempo em que me incumbi da leitura dos textos para este quarto volume da Coleção Paradigmas, me sobrecarreguei de trabalho. Não digo isso de forma lamurienta, tal o velho cansado que sou. Antes o afirmo pelo fato de que o trabalho é minha motivação para os almejados momentos de fugacidade. Dei por concluído um romance (que, fora o adiantamento da editora, nada mais me motivou a sua conclusão) e uma biografia que se inicia com palavra “auto”, todavia sem nada de minha pessoa nela. E, dentro dessa lacuna, alternava meus momentos livres entre os contos deste volume e idas ao médico dos olhos (tão repetidas vezes que a palavra cegueira me é como aparentada).

Não estou cego ainda, mas já me conformo com a paridade entre meus olhos e os da Senhora Justiça para breve. Mas muito li, aos bocados escrevi, e tanto já vi que não me causa pavor essa intimidade.

São fatos pessoais (que Diegues me disse não serem necessários de citação) que aqui exponho, de forma estranha e um tanto com tom de palavrório. Mas isso se dá porque sinto que o sustenido deste fio de idéia cabe bem ao tom da introdução e, vez feita, parecerá caber bem ao assunto. O que desejo é emendar um pensamento que me tem vindo em ondas de repetição, tal um disco arranhado.

A imensa maioria das chamadas “grandes obras” que temos em cunho de arte hoje são frutos da luta de seus artistas para criá-las. Nada vem fácil. Muitos artífices extrapolaram seus limites de conhecimento (sim, arte também se faz de forma empírica) e até mesmo físicos. Deixaram sua marca na história.

(De cabeça: Wolfgang Mozart, Claude Monet, Antônio Lisboa, Roberto Carlos, Vincent van Gogh, Arthur C. Clark, Leonardo DaVinci, Ludwig von Beethoven).

Dito isso, ressalto que nada tenho ainda por escrito de que me orgulhe. Estou longe do panteão dos gênios. Assim como sei que, em suas épocas, muitos deles sabiam estar, tendo muitas obras das quais não se orgulhavam. Sei, entretanto, que um dia a história pode cogitar afirmar que estou errado.

Relendo o que disse, pode parecer estranha a tessitura das minhas afirmações. Explico: por vezes a arte incompreendida de uma geração, no futuro, após ter avaliada sua relevância em contexto e de trabalho do artista, pode ser encarada por um vislumbre de sua percepção. E, assim, tornar-se imortal.

E é com essa mentalidade que eu procuro ler as obras que aponto para que Diegues inclua nesta coleção. Nos tempos em que vivemos (bons ou maus tempos, de boas e más pessoas) elas até podem parecer estranhas a alguns e a outros, mas espero que os olhares se abram aos que realmente têm olhos para ver. Diegues me disse em uma conversa eletrônica: *Hoje em dia, com a mídia informatizada, temos burros montando em carroças; burros com relinchos que nunca deveriam ter chance de soar que não entre seus semelhantes. Asnos dizem bagens, é natural da espécie. Nem sempre se é possível calar um animal.*

Neste espírito, estou dedicando minha obra final, primeira em Literatura Fantástica, que almejo concluir com minhas próprias mãos (ou com o empréstimo das de minha neta, que já se prontificou a seguir meus ditados confusos). E hei de concluir. Ah, sim!

Será a minha, ou qualquer uma de um dos autores desta coleção, lapidada para a posteridade da história?

Deixemos solto o arreo do tempo.

O Prof. Dr. Heraldo Assis Barber, 86 anos, atua como consultor e *ghost-writer* para as maiores editoras do planeta, tendo preparado mais de 110 originais, vários deles *best sellers*. É mestre em Teoria Literária, doutor em Literatura Brasileira e em Literatura Norte-Americana, além de Ph.D em Literatura Inglesa. Possui 8 pseudônimos que lhe permitem escrever o que quiser sem se envergonhar e apreciar a companhia dos netos.

...Introdução

Quase...

A Paradigmas surgiu de um forte desejo de renovação. Foi um projeto que criei, originado da necessidade de gerar material para a divulgação de minha produção, aliada à dos escritores que realmente desejavam uma projeção de seus trabalhos para fora da concha, junto a quem realmente queria fazer a diferença.

Muitos autores enviaram o melhor de sua produção para figurar nestas páginas. Mais ainda se dedicaram a missão de criar textos inéditos, quebrando ou apontando os paradigmas consagrados.

E cada um cumpriu com sua parte, colaborando com a criação, com a divulgação e com a apresentação da obra tanto no Brasil como no exterior. E me agrada poder dizer que a maioria absoluta das críticas recebidas foi extremamente positiva.

Nestas páginas foram gerados novos autores que, após sua participação, receberam inúmeros convites para projetos literários. Surgiram obras de escritores que se lançaram graças ao contato com esse trabalho. E, acima de tudo, surgiram autores conscientes de que é necessário um trabalho árduo e contínuo para que se possa bater no peito após ler um texto e dizer: *fui eu quem escrevi, e, até o momento, é meu melhor trabalho!*

Sim, pois a cada novo texto produzido, exposto à crítica e retrabalhado, aprendemos a valorizar nossa arte. Investimos em nós mesmos a cada passo. Crescemos quando aprendemos. E, ao crescer, melhoramos no mesmo passo em que temos mais espaço para acrescentar conhecimentos. Tornamo-nos exigentes, e isso é bom.

Possuo vários livros escritos, parte publicada e parte engavetada. Não sei se um dia sairão de lá. Vejo auto-

res em um frenesi desesperado de publicação, bem como outros publicando qualquer coisa – aparentemente pelo simples prazer de publicar. Confesso já ter jogado no lixo cerca de oito livros que considerava finalizados. E ainda guardo seis que prometo diariamente a mim mesmo melhorar para ter coragem de jogar no mercado. Não sei se passarão em minha autocrítica – um monstro voraz que se alimenta de bons textos, crescendo a cada dia –, que não aponta luz ao fim do longo túnel em que se meteu.

Crescer é um processo natural ao artista. E somos artistas; por mais que nos dediquemos ao entretenimento literário, é isso que somos. Queremos realizar mais, de uma forma melhor. Nada de mais do mesmo.

E é com esse desejo que a Coleção Paradigmas alcançou o quarto volume. E se encerrará nele. Ela transcendeu as minhas expectativas iniciais, porém não podemos estagnar o crescer. Longe de ser uma notícia triste, é fabulosa. As estatísticas comprovam esse positivismo:

- Mais de 270 textos avaliados;
- Mais de 40 autores publicados;
- Mais de 50 textos de ótima qualidade;
- Mais de 200 citações na mídia;
- E mais de 120 textos recebidos somente após o fechamento deste quarto volume.

São números que provam que o estímulo à criação foi alcançado. Que cada vez mais e mais escritores querem se profissionalizar e mostrar seu trabalho, produzindo obras que, se não entrarem para a história no hoje, ao menos terão uma trilha para o amanhã.

A Paradigmas foi o embrião que marcou uma época na história da Literatura Fantástica brasileira. Lançou o novo, reafirmou o atual e preparou o apoio para o futuro.

E que venha esse futuro. Alargo meus braços para recebê-lo. E, ao contrário de muitos, dou um passo frente, junto com quem quiser me acompanhar nesse rumo.

Que venham. Juntos ou depois. Mas vamos em frente.

Richard Diegues
Organizador, inclusive!

...Introdução

A Verdadeira...

[1 1] Uma Flor a Gambô » Richard Diegues
 » autor dos livros *Tempos de Algória* (2010), *Sob A Luz do Abajur* (2007) e *Magia – Tomo I* (1997), além de organizador e coautor do livro *Visões de São Paulo – Ensaaios Urbanos* (2006) e coautor dos livros *Histórias do Tarô* (2008), *Necrópole – Histórias de Bruxaria* (2008), *Necrópole – Histórias de Fantasmas* (2006) e *Necrópole – Histórias de Vampiros* (2005). Participou também das coletâneas *O Livro Vermelho dos Vampiros* (2009), *Portal Fundação* (2009) e *Imaginários I* (2009). É o idealizador do projeto *Paradigmas* e participou dos três volumes anteriores, além deste. Curas: richard@tarjaeditorial.com.br

[1 7] O Diamante Laranja » Adriana Rodrigues
 » é uma escritora amadora que faz superior em Química nas horas vagas. Participou do *Pacto de Monstros* (2009) e mantém os blogs *Bram & Vlad*, onde brinca com os clichês de vampiros e as coisas da vida, e *Periódicas*, onde a Química ri. Tenta espalhar pelo mundo um pouco de bom humor. Prestidigitacões: dri_chan04@hotmail.com

[2 5] Biblioteca No Fim Do Mundo » Fábio Fernandes
 » Nascido no Rio de Janeiro, é jornalista e tradutor, é responsável pelas traduções de clássicos da ficção científica como *Fundação*, *Neuromancer* e *Laranja Mecânica*. Seus contos foram publicados em Portugal, Romênia, Estados Unidos, Reino Unido e Nova Zelândia. É autor de *Interface com o Vampiro* (2000), *A Construção do Imaginário Cyber* (2006), *Wild Mood Swings* (2008) e *Os Dias da Peste* (2009). Mora em São Paulo. Epítomes: zeroabsoluto@gmail.com

[3 7] A Mãe da Montanha das Águias » Ana Lúcia Mереge » escreve e conta histórias desde que se entende por gente. Pesquisadora de Mitologia, Literatura Fantástica e História do Livro, trabalha na Biblioteca Nacional. É autora dos livros de fantasia *O Jogo do Equilíbrio* (2005) e *O Caçador* (2009) e do ensaio *Os Contos de Fadas* (que será republicado em 2010). Participou da antologia *Imaginários* (2009) e publicou artigos e recontos de histórias tradicionais em sites e em revistas como *Ciência Hoje das Crianças*. Atualmente, dedica-se à série de fantasia medieval *O Castelo das Águias* e ensaia a retomada de seu blog *A Estante Mágica de Ana*. Pinturas rupestres: anamerege@gmail.com.

[4 5] A Última Prece » Rober Pinheiro » é cearense de nascimento e paulista por força do destino. Publicitário de profissão e projeto de desenhista quando sobra tempo, desde muito cedo desenvolveu um gosto todo especial pela literatura. Aos quinze, começou a rabiscar nas agendas escolares pequenos contos e histórias que anos mais tarde originaram seu primeiro romance, *Lords de Thargor, o Vale de Eldor* (2009). Também participou da antologia de ficção científica *Invasão* (2009) e é autor convidado da seleta de contos *No Mundo dos Cavaleiros e Dragões* (inédita). Outros textos podem ser conferidos no site *Lords de Thargor*. Esconjuros: contato@lordesdethargor.com

[5 1] Barquinhos de Papel e Outros Origamis » Sandro Códax » nasceu no alvorecer de uma manhã ensolarada de primavera. Sempre foi um aficionado por literatura e já há alguns anos viu-se arrastar por esse mundo de sonhos e fantasias, de glórias e derrotas, onde simples personagens ganham vida, onde simples mortais tornam-se deuses. Estreou no mundo literário com o lançamento do livro *O Homem Que Sabia Mentir* (2004), de temática moderna e forte senso crítico sobre a sociedade e seus políticos. Participou das coletâneas *Contos Perversos* (2006) e *Poemas Dispersos* (2006). Impossível é conter sua criatividade, que ferve e não cessa; fora as obras mencionadas, continua a desenvolver contos e romances, entre outros projetos. Milheiros: sandrocodax@hotmail.com

[5 5] **A Tal Aranha-da-Lua » Carlos Abreu** » programador de computadores, nascido no Rio de Janeiro. Estudou engenharia, matemática, letras, filosofia e cinema. Trabalhou em rádio, escreveu roteiros de cinema e praticamente atuou em todas as áreas da fotografia. Atualmente, dedica-se exclusivamente à literatura, tendo participado de diversas coletâneas de ficção científica e fantasia que nem consegue numerar. Fim-da-picada: carlosfredericoabreu@yahoo.com.br

[6 3] **12Vidas » Leonardo Pezzella Vieira** » engenheiro que escrevia poesias. Dono de um forte hábito de leitura, participou de grupos de escritores e trocou as poesias pelos contos e pequenos romances de terror e ficção. Publicou no *Jornal da Praça* e em diversos sites de contos e crônicas. Participou com um conto no livro *Visões de São Paulo – Ensaio Urbanos* (2006) e *Paradigmas 1* (2009). Seus textos podem ser encontrados em seu blog pessoal, o *Monologando*. Recolocação pessoal: leo_pvs@hotmail.com

[7 5] **O Evangelho Segundo Eu Mesmo » Roberta Nunes** » acredita que a vida é um presente. Daqueles que precisam ser desembrulhados todos os dias. Fez da literatura um vício. Publicou alguns textos em listas de discussões, blogs literários e fanzines. Tem trabalhos publicados nos livros *Visões de São Paulo – Ensaio Urbanos* (2006) e *Paradigmas 1* (2009). Tenta, com afinho e preguiça, atualizar o blog pessoal *Profana? Eu?*, onde escreve suas desventuras, experiências éticas e nerdices em geral. Rituais: ro_profana@yahoo.com.br

[8 1] **O Jantar » M. D. Amado** » é mineiro, nascido em Belo Horizonte. Mantém o site *Estronho e Esquêsito*, onde abre espaço para novos escritores de literatura fantástica. Participou como coautor dos livros: *Necrópole – Histórias de Fantasmas* (2006), *Paradigmas 1* (2009), *Draculea* (2009), *Metamorfose* (2009), *Poe 200 Anos* (2009) e *Zumbis* (2009). É também autor do e-book *Empadas e Mortes*, disponível gratuitamente na Internet. Néctares: marcelo@mdamado.com.br

[87] Você Vai Seguir Meu Caminho? » Marcelo Jacinto Ribeiro » técnico em informática sem paciência para ficar trancado em laboratórios, passou sua vida profissional vivendo fortes emoções no comércio e, ao invés de ir até o mundo, fez o mundo vir até ele. Publicou vários minicontos no projeto *on-line Letra & Vídeo* e no *e-zine Black Rocket*. Seu primeiro trabalho em mídia física foi o conto *Choque de Civilizações*, publicado no *Paradigmas 3* (2009). Tentações e destinos: spit_mkiv@yahoo.com.br

[101] O Caçador de Deus » Georgette Silen » nasceu em Caçapava, São Paulo. É arte educadora, formada em artes cênicas. Escritora de ficção e fantasia, possui contos publicados nas antologias *Dimensões.Br* (2009), *Marcas na Parede* (2009) e *Folhas de Espantos* (2009). Está organizando a antologia *O Grimoire dos Vampiros*, além de escrever em diversos sites literários e em jornais regionais. Esconjuros: missgette@yahoo.com.br

[115] O Demônio das Florestas Tropicais » Ronaldo Luiz Souza » nasceu em Santos Dumont, Minas Gerais. Trabalha na área jurídica. Expõe suas obras no blog *Canto de Textos e Palavras*. É coautor dos livros *Réquiem Para o Natal* (2008), *Dias Contados* (2009), *Paradigmas 3* (2009), *Solarium* (2009), *Fiat Voluntas Tua* (2009), *Assassinos S/A* (2009), *Invasão* (2009), *Contos de Outono* (2009), *Contos Seleccionados de Novos Autores Brasileiros* (2009) e *Enigmas do Amor* (2009). Caçadas: rolusouza@gmail.com

Este é um conto dentro do meu universo de ficção do livro *Cyber Brasileira*. Muitos vão estranhar o tom ser um pouco mais denso e pender levemente para o horror em algumas cenas, entretanto, ao olhar mais fundo, verão que toda a trama *cyber* está ali, em cada curva do texto. Usei recursos de linguagem mais "pesados", para apresentar o leitor com um texto curto, mas de fôrme consistência. Sim, é um conto, mas nas entrelinhas, existe um verdadeiro romance.

Uma Flor a Gambô

Richard Diegues

[11]

A última pétala caiu sobre a toalha. Nada mais de flor se reconhecia no copo usado como vaso. Restou apenas um graveto estéril, com o apêndice de um botão enrugado, rememorando restos secos de uma circuncisão. A escova feita de pêlos pubianos varreu os vestígios das pétalas, agora amarronzados, outrora de um vermelho vivo. Por entre as frestas do piso apodrecido elas passavam, pousando na quase-água entre as estacas do bangalô. Um bagre se arriscou, mordiscou. Não houve tempo para se arrepender. Acabou com a barriga exposta ao ar, repleta de bile.

Acima, dentro da morada, Barão cheirou as cerdas, sorriu e colocou a escova de lado. Suas longas unhas lascadas pousaram dentro da cumbuca e os dedos agitaram-se como vermes no sangue gelado, um tanto humano, um quarto de cobra, um pouco dele próprio, o restante da mulher. Ainda gotejando, Barão os levou aos globos oculares, tingindo o amarelo pútrido com filamentos escarlates. Piscou três vezes. O sangue se foi para dentro, sumindo no profundo nada de seus olhos. Estes pousaram no caule seco do que um dia fora uma rosa. E, por feiticismo, uma vez mais esta se fez em flor. Mas nunca mais em rosa.

Barão se ergueu estalando as juntas. Passou a língua pelos dedos. Chupou um a um a fim de não desperdiçar sangue, enquanto caminhava para o alpendre. Mais de dois metros de pura escuridão cruzaram a porta. E ele se foi. Restou apenas seu odor forte e denso, como sêmen envelhecido.

Naomi se ergueu, arrancou a flor do copo e a colocou no cabelo, como adorno. Tomou da cumbuca à sua frente. E bebeu de seu conteúdo. Frio. Metálico. Repulsivo. E necessário. O relance de Barão, na varanda, nu, com o enorme pênis resvalando a mureta, foi tudo o que guardou. Seu maior medo era de que ele tomasse gosto pelo corpo dela, mas carne quente não o agradava. Não o viu cair na lama negra do pântano. Guardou da cena, em memória, apenas o membro e os dentes do negro. Mas não era um sorriso. Ele era incapaz disso pela sua natureza. Talvez sorrisse um dia, quando a mulher ali retornasse para a paga. Ou quando ele fosse com ela ter, para a cobrança.

Também nua, com a pele repleta dos fios vermelhos que escorriam dos orifícios de drenagem para o rito, foi ao alpendre. Tomou o sári do chão, juntou com a bolsa e as sandálias e saltou para o barco. Tocou-o para longe com a vara, morosamente, levando consigo o que em passado fora flor e no presente era morte.

E, sim, ao vê-la partir, Barão quase sorriu.

Nada de felicidade verdadeira havia no peito de Gambô ao ver Naomi retornando. Apenas a enxergava com ainda menos carnes recobrando os ossos. Foram duas semanas e três dias. Ou cinco. E agora a mulher retornava. Mudada, mas ainda com os olhos repletos de dor. Mais doente do que em sua partida.

Antes mesmo que ele se erguesse, ela já se fazia próxima demais. O abraço, apesar de duro, foi quente. E as mãos no peito dele eram secas como gravetos, mas o deitaram com relativa delicadeza sobre a pedra. O sári dela foi erguido, a sunga dele, baixada. E a mulher cavalgou seu marido como se não o visse há meses, e não semanas. A pele não impedia os ossos de estalarem como pedras. Os dela, por falta de alimento na longa viagem. E da doença. Os dele, pela ausência da mulher. E da doença. Não fosse o tétrico da cena, o prazer seria certo. Ele lhe cedeu seu sêmen, ela, um sorriso inventivo. E o carinho da mão calosa e áspera na barba de dias do homem valeu mais do que meia vida. Ela desmontou. Ele se ergueu.

O olhar de Gambô passou da flor no cabelo dela para seu olho esquerdo. Estava fundo em uma enorme olheira. Nenhuma palavra. Encurvou-se sobre a pedra onde há pouco deitaram, fincando os dedos

entre ela e a terra ressecada. Um gemido. Depois um urro. E a pedra se ergueu e tombou de lado. Ajoelhando-se e usando as mãos, Naomi espantou o mau cheiro, alguns insetos e os vermes. Afofou a terra prensada e dura por um mês de repouso e mau tempo. Um tempo verdadeiramente ruim. Com um golpe brusco, arrancou a flor e um punhado de seus cabelos com ela. Ergueu-a em reverência ao marido compreensivo que mantivera a fé em sua mulher, aguardando-a. Uma flor a Gambô. Um segundo golpe cravou-a na terra. Lágrimas tomaram sua face encovada.

Esperava que a houvesse plantado no local certo: sobre o coração.

Poderia ter desenterrado Anúria. Assim teria certeza. Mas seria sofrido demais ver a filha na condição em que estaria àquela altura. Preferia vê-la de outra forma. Em seus sonhos. Nas lembranças. Em fotografias.

Ou quando ela se levantasse dali.

A agulha tremia, porém a veia era grossa demais para admitir um erro de pontaria. Nuamb-Serutenagui-Naem era o homem mais importante do qual Naomi já se aproximara. A última coisa que desejava era ferir seu empregador. Principalmente após eleito presidente da Africanísia. Picou de maneira rápida e profissional, aplicando o soro nele de forma quase indolor. Estendeu um algodão e tentou dar um passo atrás. A mão do enorme negro a deteve.

– Quantos filhos, doutora? – Nuamb-Serutenagui inquiriu, deixando seus olhos correrem pelo corpo bem delineado da cientista.

– Oito, senhor presidente – respondeu, consciente dos seus seios fartos e visíveis no decote do jaleco, esforçando-se para não ajeitá-los, evitando correr o risco de ofender ao governante.

– Falam de uma lenda em minha terra. Eu a ouvi poucas vezes, mas de bocas amigas. – A voz era baixa o suficiente para que apenas os dois a ouvissem. – Ela conta oito, depois sete, e novamente oito. Nada de gravidez entre as contagens. – A mulher tentou puxar seu braço e se esquivar, mas o presidente a puxou ainda mais perto. – E não fosse uma vacina, seria zero então. Eu não nasci com a doença, eu a adquiri com as damas da noite e drogas. Mas, antes mesmo que eu unificasse o continente em um país apenas, já não havia uma criança africana que não sáisse de sua mãe sem o vírus.

Ela observou o braço do homem, onde uma gota de sangue escorria do ferimento aberto pela picada. A mão livre apanhou um algodão antisséptico e a gota foi limpa.

Imagem: um enorme membro lustroso mergulhando e tornando a subir entre crocodilos e serpentes. Essa era a passagem em sua mente. E seguiam em sua direção. Feras e membro. Concentração, mulher!

– Anúria, minha mais nova, quase morreu por causa da doença... – ela encarou o homem e viu instrução em seu olhar, decidindo não ter por que não nomear o velho monstro para ele – ...da AIDS, comandante. Mas conseguiu sobreviver.

– Não me chame mais por comandante. Nem por tolo. – Ele se ergueu, empertigado. – O único comando vem do povo, apenas falo por ele como seu presidente. E bem sei o que ocorreu com sua filha, mulher! Não tivesse certeza e não teria posto dois bilhões em suas mãos para desenvolver a vacina que acabou de aplicar em mim.

Dois seguranças avançaram ao verem Gambô dar um passo em direção ao presidente. Pararam a um sinal dele. O próximo foi um aceno para que o cientista se aproximasse com calma.

– Sua filha – falou, dirigindo-se ao casal – tem o que muitos considerariam uma maldição. Nanã Buruku está nela. A morte corre em suas veias. E Nanã é uma divindade faminta. Foi criada da noite para comer o dia. E assim segue, comendo a humanidade até a derradeira hora. Soltar Nanã no mundo é algo para os de coragem... ou sem escolha.

A mulher grunhiu, engolindo o choro. Sabia o que tinha feito. Era agora a Pandora moderna. A Eva da nova cristandade. Aquela que não se arrepende. Ainda.

– Mas Nanã tem uma sorte curiosa. Dessa feita preferiu saciar a fome com algo diferente. Um vírus, doutora. Um maldito vírus, em lugar de filhos e pais. – Ele observou o local da picada em seu próprio braço. – E agora também vive em minhas veias. Assim como na de sua família. E brevemente, nas veias de todos em nosso país. Uma maldição tornada em benção, mulher de fé!

Gambô abraçou a esposa. O presidente cobriu a picada com algodão, abrindo e fechando a mão algumas vezes. O mal formigava nele.

– Não sei o que mais virá com esse mal, mas estou disposto a ceder em prol de meu país. De meu povo. Que sejamos malditos. Mas malditos saudáveis, livres da AIDS que há décadas leva nossos filhos a ela. Seremos uma nação muito mais forte do que a América que nos oprime. Quero bons patriotas. Trabalhadores que nos façam crescer. E lutem. Que gerem o país que minha mãe sonhou para mim, antes da AIDS a levar. – Sua voz tornou a baixar, embargada. – E se um dia Nanã nos cobrar o que lhe devemos, o que se há de fazer?!

Nuamb-Serutenagui-Naem se ergueu e bateu as palmas das mãos com estrondo. Encarou o casal de cientistas e viu neles vigor e saúde. Não eram assim um ano atrás. Nada de doença em suas veias agora. Só a morte. Sim, era algo, mas não uma doença. Esticou a mão e com ela apertou fortemente a nuca de Gambô. E o beijou nos lábios. O mesmo fez com a mulher. Encarava-a há poucos centímetros. Tensão, não tesão.

– Quanto à sua mistura de ciência e feitiço, cuidarei dos custos também. Não faltarão recursos para que a vacina chegue ao povo. – Ele se inclinou, entre a cabeça dela e a do outro homem, para que ambos o ouvissem, e apenas os dois. – E, no que se refere ao Barão, eu mesmo ergui a cabana dele com estas mãos – disse, abrindo as palmas para cima. – E lhe dei o material para os pentes e escovas que usa. Ele virá atrás de você um dia. Sempre cobra seus favores. Mas, antes disso, estou na fila. Devo a ele muito antes de você. Só que, agora, estou muito mais difícil de ser apanhado. Não penso em enganar Nanã Buruku, pois ninguém engana a morte. Mas sei que estamos cumprindo seu papel. Hoje, graças a você, mulher, somos morte também.

Nos quatro cantos da Africanísia, tambores retumbaram. Havia divindades em festa. Uma delas tornada anfitriã.

Um peixe bateu com força sua nadadeira na água. Mas ela era densa naquele ponto. Nem era possível chamá-la por água. Quase lodo, sim. A mão ossuda o apanhou com agilidade, fincando suas unhas marrons no couro liso. E o arrancou. Entranhas foram mastigadas como iguaria. Sangue cuspidado em uma cumbuca. E esta, levada para dentro da cabana. Barão estava nu, como sempre estivera desde o nascimento. Do lado oposto da mesa, uma mulher branca tentava não parecer assustada. Uma

última pétala se desprende do que havia sido um dia um caule de rosa selvagem. E a velha escova de pêlos pubianos varreu-a da toalha. O Barão não sorriu ao ver a flor se tornar uma vez mais em flor. Não sorriu quando a mulher saiu da cabana, tremendo, com o feitiço em suas mãos. Aquele que precisava para tornar seu povo soberano. Levava a morte com ela. Tornava-se outra ferramenta da fome de Nanã. Em breve seriam duas nações fortes. E o mundo não comportaria isso em paz. Os homens se acostumam fácil ao poder. Perdê-lo equivale a morrer. E morrerão, sim. Por tê-lo perdido.

Em breve Nanã Buruku tornaria a se alimentar como antes. Ou como nunca. Ela sorria pelo mundo, antecipando seu banquete.

O Barão, nem mesmo assim, sorriu.

Como um ser humano comum pode ser feliz e bem-sucedido num mundo mágico? Mais: como pode maravilhar quem já vive o maravilhoso? Esse foi meu desafio ao criar Lídia Harvey e uma história que a envolvesse. Esse conto é um tributo a Agatha Christie e J. K. Rowling, que inspiraram minha adolescência de maneiras diferentes. Foi escrito na transição entre as vidas colegial e universitária e carrega um pouco de minhas dúvidas, esperanças e otimismo. Espero que possa ao menos arrancar um sorriso interno de quem ler.

O Diamante Laranja

Adriana Rodrigues

[17]

Lídia Harvey teria uma apresentação dali a pouco e ajustava tranquilamente sua enorme gravata borboleta. Qualquer mulher que usasse gravatas, luvas e sobrecasaca tão coloridas seria desprezada ou taxada de louca. Lídia, no entanto, tinha essa licença por conta de sua singular profissão.

Em ocasiões normais e com roupas menos berantes, a pequena mulher de rosto inteligente e sarmento não dava a impressão de ser mais que uma moça normal, já tendo sido confundida com uma garota de recados. Era num palco que ela se revelava a maior ilusionista de Gemini.

O Mundo Gêmeo era uma brecha dimensional descoberta por magos da Terra e aproveitada pelos mesmos como refúgio quando a perseguição à magia tornou-se verdadeiramente insuportável. Pessoas consideradas “normais” eram minoria, e uma minoria mantida rigidamente sob controle para se evitar a repetição da história da Terra. Parecia estranho, então, que, nesse mundo em que a magia era algo simplesmente prosaico, Lídia sobrevivesse à custa de truques que os pirralhos da primeira série dos estudos mágicos poderiam reproduzir.

Seu fenômeno era, na verdade, devido a uma amiga repórter, que colocara inadvertidamente na cabeça dos feiticeiros ao redor que era “cult” assistir aos truques da ilusionista e tentar descobrir como uma moça sem absolutamente nenhum poder mágico conseguia seus efeitos. Ficavam olhando as mãos dela, tentando surpreender algum gesto secreto, mas sem muito su-

cesso. Percebendo isso, Lídia “acidentalmente” deixou que descobrissem o segredo de um truque que ela retiraria do programa. O público dos shows triplicou então. Ela virou assunto de bar, com intelectuais e intelectualóides discutindo como tal efeito podia ser conseguido até por um ser humano normal. Agora, de mágica em mágica, ela ia enriquecendo.

A apresentação daquela noite não criava expectativa na inquieta jovem. A platéia seria reduzidíssima, composta apenas de riquinhos seguindo um modismo. Ela nem teria aceitado a proposta se seu primo Victor não lhe tivesse pedido com aquele jeitinho irresistível:

– Por favor, Lídia, eles podem não ser muito simpáticos, mas são os benfeitores da escola. É o nosso jeito de agradecer e garantir que continuarão enviando recursos.

De tarde, ela se apresentara para as crianças e agora era a vez dos peixões. Está bem! Não podia desapontar o primo.

Apesar desta nobre resolução, ela não conseguia se livrar das saudosas imagens da turnê pela Nova Europa: as brumas da Britânia, pátria-mãe de Hy Brazil, as casinhas pitorescas da Ibéria, a sofisticação da França, a boemia da Gália, a alegria dos camponeses da Alemanha, a pompa da Prússia... Por associação de idéias, ela chegou às cidades-pinturas que conhecera no Império Russo e, daí, foi um passo para se lembrar dos exóticos lugarejos do Oriente.

Um longo suspiro foi arrancado do peito de Lídia. Toda a sua roupa pareceu pesar cinquenta quilos. Imediatamente, ela se empertigou e pensou, severamente: “Não posso me deixar abater! Eu sabia que voltar a Hy Brazil depois de rodar o mundo ia ser difícil, mas caramba! Acho que vou dar uma voltinha pra esfriar as idéias.”

A voz aguda do *mâitre* chegou a seus ouvidos. Por pura curiosidade, resolveu descobrir o que se passava. Encontrou-o na entrada, discutindo com uma bela mulher alta, de longos cabelos negros e lisos, olhos muito azuis e corpo curvilíneo – ainda que estivesse eclipsado por um pesado sobretudo pardo.

– Pois eu estou lhe dizendo, madame – ele gesticulava, irritado. – Sinto muito, mas não!

– Eu. Só. Quero. Falar. Com. A. Senhorita. Harvey. Um. Instante. Deu para entender agora, ou vou ter que usar apenas palavras de uma sílaba?

O pequenino homem ficou muito vermelho e finalmente explodiu.

– Conheço bem sua laia! Sempre se intrometendo, sempre se fartando com a miséria das pessoas honestas, como um bando de... Hunf! Advogados e repórteres, profissões típicas de vampiros, suponho. E, além do mais, você não come, portanto, não vejo o que pode desejar no nosso restaurante! Agora, se não se importa de nos livrar de toda a sua ignomínia, eu...

– Ora, seu...!

Ela não chegou a dizer o que o *mâitre* era. Lídia interrompeu nesse instante.

– Tudo bem, Anton. Ela é minha amiga. Faço questão que seja a primeira a me entrevistar, agora que voltei a Hy Brazil.

Foi divertido vê-lo ficar escandalizado, mas ser obrigado a reassumir os ares profissionais no instante seguinte. Com um olhar de “como essa gente indecente veio parar no nosso restaurante exclusivíssimo?”, ele se retirou.

– Natty! – Lídia abraçou-a. – Quantas saudades!

– Lidy!

Lídia parou e deu uma boa olhada em Natalie Chattror. A repórter policial, antes de assumir esse cargo, escrevia a coluna de fofocas e fora a responsável pela celebridade da ilusionista. Até certo ponto, era uma pena que tivesse seguido esse caminho, o mundo perdera uma belíssima modelo fotográfica. Depois de constatar que a amiga mudara apenas o corte de cabelo, Lídia continuou:

– Gostei desse corte novo. Sua pena continua tão afiada quanto suas presas, querida?

– Quase – ela riu. – Por falar nisso, a cara daquele homenzinho turrão quando você disse que me conhecia foi impagável! Ele deve estar achando que, assim que sairmos do campo de visão dele, começaremos uma orgia de sexo e sangue.

– Ah, era previsível, né? Artistas e vampiros estão junto com os incubos, súcubos, sereias etc. na grande categoria da pouca-vergonha. Quase que valia a pena ter te cumprimentado com um beijo na boca, só pra ver o que ele falava.

Natalie riu, mas corou um pouco. Ela era bem mais burguesa do que aparentava. Deu uma tossidela e falou, em voz baixa:

– Estou meio encrencada no momento. Tem algum lugar para uma conversa reservada aqui?

Espicaçada, a ilusionista levou a amiga ao camarim e convidou-a a sentar.

– Ninguém deve nos ouvir. Desembucha.

Antes de *desembuchar*, Natalie aguçou o ouvido e checou em torno.

– Parece que não tem ninguém – disse, insatisfeita. – Mas pode ter alguma escuta mágica. Você me deixa fazer um feitiço de isolamento acústico?

– Não vai dar, e é inútil, de qualquer maneira – Lídia riu. – Esqueceu que eu ligo aqueles trambolhos que cancelam magia quando dou meus shows, para garantir que não trapaceio? Estão funcionando desde ontem à noite.

– Ainda bem – ela suspirou de alívio. – Eu pensava que você só os ligava na hora do show. É indispensável que ninguém nos ouça, Lidy. Estou trabalhando com o Giu e com o Cyrano.

Fazia sentido. Giuliano Tordanelli e Cyrano de la Mancha tinham uma bem conceituada agência de detetives particulares.

– Isto está melhorando a cada instante. Continue.

– Você está chegando a Hy Brazil agora... Já ouviu falar no assalto à joalheria Jerand Bijou, semana passada?

– Quem não ouviu? Levaram tudo, não foi? Até as joias da Madame Jerand que ficavam expostas numa vitrine especial.

– Exato. A polícia seguiu a pista dos ladrões o quanto pôde e já recuperou quase todas as joias. Menos um anel. O famoso anel com um diamante laranja, único no mundo em sua tonalidade perfeita. Não estava à venda, Jerand o colocava exposto apenas para mostrar que ela é uma mulher que *pode*. Quase toda a quadrilha está atrás das grades, mas o chefe escapou com o anel. Foi quando o inspetor Darren... Lembra dele?

– O que trabalhou no roubo da máscara de Medusa, quando o Vitinho foi petrificado?

– Esse mesmo. Bem, ele resolveu que seria melhor achar o bandido vigiando os receptadores. Poucos aceitariam uma mercadoria desse porte, e Mr. Darren achou que uma ação ostensiva da polícia os colocaria em guarda. Então, chamou a Tordanelli & De la Mancha e pediu que os nossos bravos detetives fizessem o trabalho. Eles conseguiram uma informação de que o ladrão-chefe vai entregar a pedra ao receptador bem aqui, durante o seu show, Lidy. O problema é que não sabemos quem é o tal ladrão, só o receptador. Ora, esse homem tem interesse secundário. Queremos é o

cabeça do roubo! Concordei em ajudar Giu e Cyrano pelo furo que vai ser, mas confesso que não faço idéia do que fazer.

– Bem – começou Lídia, lentamente – por que vocês não chamam o Inspetor Darren e ele não revista todos os que vão assistir ao show antes de eles entrarem? Seria mais simples.

– Sim, mas nosso amigo esperto pode ver a revista e cair fora, aí, adeus chance de pegá-lo e conseguir o anel de volta. E também, todos os que vão estar aqui são gente rica e influente. Podem achar que uma revista é algo insultuoso e criar problemas para todos nós que estamos no caso. Também não poderemos usar feitiços por causa dos seus “trambolhos”, como você os chama. E, se você os desligar, ele pode ficar desconfiado e não mostrar a pedra... Enfim, estamos num mato sem cachorro. É um caso de se ser mais esperto que um cara já bastante esperto. E essa, Lidy, é sua especialidade. Muitos dos bruxos mais astutos não conseguiram saber como você pode sumir com pássaros em pleno ar sem fazer magia. Será que pode nos ajudar em alguma coisa?

Natalie baixou os olhos. Lutava com o orgulho ferido de ter que pedir ajuda em uma investigação, mas Lídia não deu mostras de superioridade ou condescendência, apenas empolgação.

– Vejamos... O larápio vai estar com o diamante, então. Pelos meus cálculos, a melhor hora para eles realizarem sua transação vai ser no intervalo do show. As luzes se apagam e as mesas das pessoas ficam na penumbra por uns dez minutos. Mas creio que posso descobrir antes. Sim... Há uma possibilidade... Só precisamos arranjar as cadeiras de forma mais conveniente! Oh, é tudo tão *fantástico*, Natty! Eu estava muito entediada com esse negócio de me apresentar em restaurante VIP, mas agora está tudo tão emocionante! Já tenho um plano, as chances são de oitenta em cem. Me ajude a carregar algumas cadeiras e chame os dois tiozinhos detetives.

O público começou a entrar no restaurante cinco minutos após o horário anunciado, depois de enormes pedidos de desculpas do gerente. Parecia que a Srta. Harvey estava preparando um número diferente para eles, e a coisa demorara mais tempo que o esperado para ficar pronta.

Várias exclamações foram ouvidas quando chegaram ao ambiente do show: as cadeiras estavam dispostas em cinco fileiras em frente ao palco, de modo que todos ficassem sob os olhos da artista.

– É *claro* que é melhor *assim* – uma senhora baixinha e gorducha disse, espalhafatosamente. – Naquelas mesas mais para o fundo é *impossível* enxergar.

– Sim, mas será um transtorno na hora da refeição – disse um senhor de aparência cansada. – Terão que arrastar as cadeiras de volta, uma amolação.

– Ah, mas ninguém vai *pensar* em comer até o fim do show, vai? – exclamou horrorizada. – Não se pode desgrudar os olhos daquela diabinha por um instante ou ela some com os relógios de bolso da gente, foi o que ouvi falar.

O homem apertou seu relógio, estremeceu, e resolveu ficar na última fila.

Lídia entrou radiante, como sempre, e pediu desculpas pelo arranjo improvisado, mas gostava de ter maior proximidade com o público. Logo, fez alguns truques rápidos com cartas e transformou três lenços atados entre si, um amarelo, um verde e um branco, em uma bandeira de Hy Brazil.

– Agora, um número que eu costumava fazer na infância. Prestem atenção nesta caixa. – Exibiu uma caixa de madeira meio tosca cheia de gavetinhas, semelhante a um cubo mágico. – Ninguém dá muito por ela, porém eu lhes digo que esta caixa é a maior ladra do mundo. Se não fosse eu para devolver o produto de seus crimes, ninguém mais assistiria a meu show.

Murmúrios de interesse. Lídia girou a caixa em seus sulcos e as gavetinhas mudaram de posição e alinhamento.

– Agora, vejamos o que ela roubou de vocês sem que percebessem.

Abriu a única gavetinha vermelha, e tirou de lá um relógio de bolso. O senhor da quinta fila saltou de seu lugar.

– É meu! Mas eu estava com ele agora há pouco!

– Não estou dizendo que esta inocente caixa é uma incorrigível ladra? Aqui está seu relógio, senhor – devolveu-o e balançou a caixa rente ao ouvido. – Ouço mais alguma coisa aqui, façamos esta meliante devolver!

Girou novamente as gavetas e abriu a gaveta vermelha de novo. Retirou um bracelete cravejado de pedras, o que fez a mulher gorda saltar em sua cadeira.

– Meu bracelete! Mas como...? Quando...?

Lídia riu e entregou-lhe o bracelete, com um gesto galante.

– Certo, antes de passarmos ao próximo número, vejamos se ainda há algo aqui.

Novo girar de gavetinhas e a vermelha foi aberta lentamente. A ilusionista soltou uma pequena exclamação. Fez uma pausa de dramaticidade e prendeu o ar. Retirou lá de dentro um anel com uma magnífica pedra laranja.

Houve um silêncio mortal, interrompido por uma velha murcha e apagada que reclamou para si o anel. Lídia entregou-o com um olhar malicioso e voltou ao palco. A pretexto de se livrar da caixa para o próximo número, foi para trás da cortina encontrar Natalie.

– E então? – a repórter perguntou, ansiosa.

Lídia sussurrou algo à amiga e voltou ao palco em uma fração de segundo para retomar seu número.

O show prosseguiu animado. A assistente foi colocada em uma caixa, onde foi esquarterada e reconstituída. Então, colocada em outra caixa, tornou-se uma faisoa e, sob um lenço, sumiu deixando apenas um ovo. Ovo que Lídia fez desaparecer de sua mão e surgir debaixo do chapéu da senhora gorda, que batia palmas sem parar.

Na hora em que o intervalo foi anunciado, a velha murcha levantou-se resmungando e saiu do ambiente do show. Um garçom ruivo discretamente murmurou algo a uma respeitável matrona da quarta fila e a levou para fora do restaurante. Lídia sorriu, triunfante.

– Dou a mão à palmatória, Lidy – Natalie comentou, espantada, durante o intervalo. – Você foi mais rápida do que meu olho pôde ver, como sempre. Não consigo entender como você pôde me dizer quem estava com o diamante laranja quando me encontrou atrás da cortina. Não vi ninguém se sobressaltando, nem nada assim perceptível, quando você mostrou aquela réplica do anel.

– Calma, calma, minha cara. Deixe o Giu chegar avisando se acertei ou não, aí explico tudo.

O ruivo vestido de garçom entrou exultante, seguido por um baixinho narigudo que retirava uma peruca branca de mulher e um batom escuro, livrando-se assim da personalidade de velha sorumbática.

– Estava com aquela senhora da quarta fila mesmo, Lidy. A aparência dela é tão respeitável que nunca poderíamos imaginar. Agora, com todos os demônios, como você pôde *saber*? Mesmo com o diamante em mãos, custamos a fazê-la confessar, parece feita de pedra! E também não posso adivinhar como você sabia que ela tinha um bolso oculto no vestido e que ele ficava na altura do estômago.

– Foi fácil, Giu. Ah, Cyrano, foi uma bela representação. – O baixinho se curvou, agradecendo. – Como eu dizia, foi fácil descobrir a ladra. Tão fácil como conseguir esta carteira.

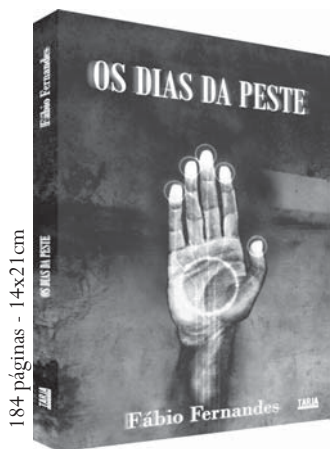
Uma carteira surgiu sem aviso em sua destra e os três amigos automaticamente levaram as mãos aos bolsos. No meio do gesto, entenderam o que estavam fazendo e Lídia riu gostosamente.

– Viram como é fácil? Já me utilizei desse ato reflexo várias vezes para surpreender o público com minhas “leituras de mente”. Peguei o relógio e o bracelete enquanto pedia para seus donos escolherem cartas no truque do baralho. O surgimento deles na caixa serviu para deixar todos apreensivos, criar aquela atmosfera de “o próximo posso ser eu”. Então, tirei o anel da caixa. Pude ver todas as senhoras com anéis levarem uma mão à outra ou baixarem os olhos para as próprias mãos, exceto uma... Uma dama que levou a mão à boca do estômago, lugar estranho para um anel. Daí a importância do arranjo de cadeiras próximo a mim, para que eu pudesse acompanhar todos esses movimentos. Depois de todos esses anos, tenho boa visão periférica.

– Incrível – disse Cyrano, convictamente. – Essa última geração de Harveys só tem gente brilhante: você, o Ítalo, o Victor... O dia que você se cansar dessa vida, pode se associar a nós e tenho certeza de que faturaremos. Ela sorriu, feliz.

– O intervalo está acabando e tenho que voltar àquelas galinhas cacarejantes. Por que não ficam? Podem assistir os últimos números e, para depois do show, tem uma mesa reservada para mim. Uma banda legal vai tocar e o ambiente vai ficar bom. Trate de chamar o Dave, Natty. Hoje é tudo por minha conta! Vamos ver se um pouco de música e luz de velas não o inspira. E vocês dois, rapazes, nada de fugir! A mesa não precisa de outra vela no candelabro!

Conheça outras obras da Tarja Editorial

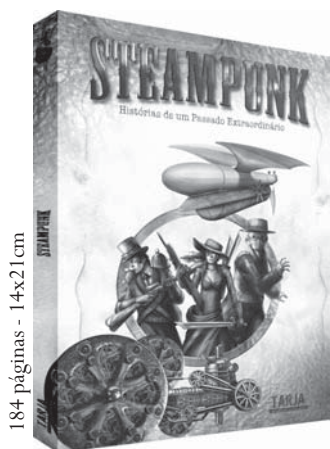


OS DIAS DA PESTE

FÁBIO FERNANDES

Este é um romance ambientado em um universo *Cyberpunk* muito mais atual do que gostaríamos de acreditar. Ele trata da evolução tecnológica que nós já vivemos hoje, avançando em um futuro que veremos muito em breve.

A cada dia nos tornamos mais dependentes da tecnologia. E se estivermos caminhando para Os Dias da Peste moderna? Você acha que conseguirá puxar a tomada?



STEAMPUNK

HISTÓRIAS DE UM PASSADO EXTRAORDINÁRIO

Este é o primeiro livro nacional com contos de temática *Steampunk*. Ele apresenta nove histórias, de nove autores fantásticos, que trazem diferentes pontos de vista sobre o estilo que desponta cada vez mais na Ficção Científica Brasileira. Os autores que participam deste livro são: Alexandre Lancaster, Antonio Luiz M. C. Costa, Claudio Villa, Flávio Medeiros, Fábio Fernandes, Gianpaolo Celli, Jacques Barcia, Roberto de Sousa Causo e Romeu Martins.

A venda nas melhores livrarias ou pelo site
www.tarjalivros.com.br

TARJA
editorial

www.tarjaeditorial.com.br